

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
SARDOAL



Publicação bimestral

A Voz do Leitor

... "Está a generalizar-se entre nós a ideia de que um cidadão para conseguir, numa reparação pública, que uma sua pretensão seja satisfeita, em prazo razoável, tem de, previamente, «untar» alguma (ou algumas) das peças da máquina burocrática, o mesmo é dizer, usando uma linguagem mais corrente e, talvez, mais acessível, que precisa de avançar com «luvas», cujo montante varia em função do valor da pretensão em causa.

Quero desde já ressaltar que esta prática não ocorre em todos os serviços públicos, pois, felizmente, ainda vai havendo honrosas excepções. Todavia, pelo que tem chegado ao meu conhecimento, sou tentado a afirmar que esta coisa de um funcionário apenas actuar com indispensável diligência mediante recompensa, normalmente pecuniária, quase se transformou num costume, assumindo este uma expressão, por assim dizer, de teor jurídico, isto é, uma prática social reiterada, acompanhada da convicção da sua obrigatoriedade. Quero com isto significar que o indivíduo já quase considera uma conduta habitual, rotineira, começar por abrir os cordões à bolsa junto de quem, por simples dever de ofício, tinha estrita obrigação de corresponder ao que lhe é solicitado sem que fosse necessário ser impulsionado pela mola viscosa do vil metal.

Nos tempos que correm é manifesta a tendência para se criarem artificialmente dificuldades para que o interessado, martirizado geralmente com incontáveis perdas de tempo em átrios e corredores das repartições, seja «compreensivo» e entre no «juízo», compondo quem se prontifica a procurar tentar por todos os meios a remover obstáculos que, na realidade, nem sequer existem...

Não se pense contudo que o que aí fica é um caso isolado. Há mais. Muito mais.

Já vai sendo tempo de pôr cobro a situações deste género, pois esta forma sofisticada de corrupção não pode ser indiferente aos responsáveis que, em lugares de chévia, têm o dever moral e legal de, sem libezas, preservar os interesses dos cidadãos, os quais, por seu turno, não podem, nem devem deixar de colaborar para extirpar os cancro que ceifam a administração. A limpeza de ervas daninhas que sugam o sangue e o suor dos cidadãos, que precisam de recorrer aos serviços públicos, é tarefa que urge realizar...

Enquanto não houver quem se preocupe em moralizar toda esta degradante situação não vale a pena pensar em que seja melhorada a qualidade de vida dos portugueses...

Leitor identificado

Singularmente curiosa esta carta que nos veio endereçada -e que achámos por bem extractar, quase na íntegra!

CENTRO-DE-DIA

Desde meados do corrente ano o Centro-de-Dia da Misericórdia conta com uma nova Directora Técnica: a Sra. Dra. Isabel Maria Bernardo Santos.

Veio-nos creditada com as mais elogiosas referências, tanto profissionais como do foro pessoal -o que muito nos apraz registar.

A acção social de Assistência desenvolvida pelo Centro-de-dia da Misericórdia cada vez mais se vem assumindo com maior alcance e amplitude e, conseqüentemente, surgem, por vezes problemas inéditos e imprevistos, que necessitam de uma resolução rápida e esclarecida, competente e adequada.

O tema sai, com efeito, muito para lá dos parâmetros em que se confina o ideário do nosso BOLETIM e poderá dizer-se, outrossim, que extravasa um tanto dos princípios de isenção que nos regem e orientam.

Mas isso não obstará, contudo, a uma pequena reflexão de circunstância, até mesmo porque, eventualmente, poderia estar em foco esta nossa querida terra em que nascemos -e cujas respeitabilidade e bom nome muito prezamos, igualmente.

Assim, é mister que se diga, desde já, que nunca, por nunca ser, nos chegou aos ouvidos a mais pequena referência a qualquer venalidade ou extorsão cometidas por algum funcionário público, nosso patrício. Decerto, porque se trata de uma terra de gente séria e honesta e digna, jamais algum conterrâneo lhe envergonhou a sua reputação, deste modo.

No entanto... nesta mesma nossa terra, também, cujos funcionários nativos são, assim, um exemplo e um paradigma, outros, de fora, que para aqui vieram colocados, nem sempre dão provas da mesma dignidade de processos.

Um exemplo, ao acaso: - já lá vão uns tantos anos passados, a Misericórdia necessitou de regularizar, formalmente, um certo legado cuja outorga simples lhe havia sido feita por um benemérito. Correram-se, então, os meios devidos e foi feita a tramitação respectiva nas diversas Repartições competentes.

Numa delas, liquidadas que foram as taxas legais devidas, o funcionário executante, concluída a tarefa, não se coibiu de estender a mão aos representantes da Misericórdia, perguntando "se não sobejava nada para ele"...

Não cabe referir, já, nesta nota, a resposta seca e frontal que lhe foi dada - embora bem se presuma, como é evidente. A Misericórdia, com efeito, deliberou considerar o assunto absolutamente encerrado, desde então.

E se, agora, por uma casualidade fortuita nele se tocou, tal justifica-se, apenas e só, como uma reconfirmação da certeza de que nenhum agente do Estado, filho da nossa terra, seria capaz, alguma vez, de uma tal forma de corrupta extorsão.

MB.

É FÁCIL "PROMETER"

Quando, há cerca de dois anos, a Câmara Municipal solicitou autorização à Santa Casa para instalar um novo depósito de água, afim de abastecer a Vila, num deslizado da cerca do Convento, comprometeu-se, desde logo, a recompor todo o terreno que era revolido e desviado pelas obras.

Até certo ponto, como uma compensação pelo esventramento e desnível a que o terreno em causa era sujeito, tanto pelas obras em si como, ainda, pela colocação das condutas e invasão do local pelos materiais de construção e variada maquinaria pesada que foi mister utilizar, a Câmara celebrou um protocolo com a Misericórdia, propondo-se reordenar devidamente todo o terreno, ajardinando-o na mesma altura, e colocando algumas mesas e bancos de pedra, para o tornar numa zona de lazer e de sossegada quietude.

Só que, por circunstâncias várias e que a Santa Casa foi sempre estranha, esse compromisso-promessa da Câmara Municipal continua, ainda, em aberto.

A partir de Janeiro de 1994 a equipa gestora do Município será inteiramente remodelada. A Misericórdia confia, porém, em que a palavra dada (e escrita) seja para cumprir -e sem grandes demoras nem arrastamentos.

UMA "BIOGRAFIA" da NOSSA TERRA

Alguns meses são passados, já, sobre a altura em que a Camara Municipal acabou por se resolver a tomar como encargo a edição de uma "Monografia de Sardeal", da autoria de Luis Manuel Gonçalves -uma figura da nossa terra que muito dedicada e empenhadamente se vem debruçando sobre tudo o que se refere ao nosso património histórico-etnográfico.

Trata-se de uma obra cuidadosamente ordenada dentro do maior rigor e integridade, em que a "biografia" do Concelho nos é desenvolvida e particularizada com um nítida e perfeita focalização.

Mas não se resume a tal, apenas e só, o mérito daquele estudo monográfico: -ele estende suas raízes a tempos bastante recuados, para trazer à superfície a seiva vivificante da verdade histórica; repõe em devido lugar factos e acontecimentos relativos a gerações passadas; mostra as grandezas e, quicá, também, casos menos felizes que foram ocorrendo por séculos em fora; desfaz erros e histórias lendárias e, abrindo caminho em defesa dos valores que ajudaram a fazer grande o nosso Sardeal de séculos passados, ergue do olvido factos e personagens, acontecimentos e figuras que a acção inexorável do tempo havia sepultado sob a gélida pedra tumular do esquecimento.

O autor, objectivo e sereno que se mostra por norma, num rigorismo altamente louvável que só busca a isenta imparcialidade, deixa vir ao de cima, no entanto, aqui e além, um assomo de mal contida indignação ao ver mutiladas a Arte e a História, por autênticos vandalismos praticados pela inconsciência moral e pela ausência absoluta de sensibilidade, de que deram prova alguns tantos responsáveis que tinham estrita obrigação de defender o património histórico-artístico que lhes fora legado pelos nossos antepassados.

A sua pena não esconde, com efeito, um sentimento de funda mágoa por se encontrarem irremediavelmente desbaratados valiosos testemunhos do nosso passado de glórias -que, por supina ignorância e absoluta ausência de espírito de conservação, foram deixados perder para sempre.

Ao levar a cabo essa larga visão de conjunto sobre o que tem sido o Sardeal e seu termo, pelos séculos em fora, outro pensamento não terá propellido Luis Gonçalves para tão meritória empresa do que o seu acendrado bairrismo, o seu desejo muito forte e sincero de querer deixar a todos os concidadãos uma visão diacrónica, ainda que naturalmente reŕuzida mas de fácil consulta, um precioso relicário de memórias fidedignas sobre as nossas glórias passadas.

Sem pretender arvorar-se como uma monografia completa e exhaustiva (o autor insistiu, muito modestamente, em chamar-lhe apenas um conjunto de "subsídios") o livro é, porém, e de forma inequívoca, um trabalho de profundidade, honesto e isento, probo e sério.

Recorrendo a fontes fidedignas, quer sob o ponto de vista heurístico, quer no plano documental, dá-nos uma larga panorâmica de conjunto, baseada em testemunhos e fontes documentais, e que se assumem, por isso, como coordenadas precisas e rigorosas de valor histórico para uma interpretação fiel, segura, esclarecida, de sucessos e eventos que deram notoriedade e fama a antepassados ilustres que nos precederam em centúrias idas.

E, em equilibrado e judicioso contraponto, não lhe bastou a pesquisa e o estudo fidedigno dos factos do passado: procurou, mais ainda, compreendê-los e integrá-los nas suas relações e influências recíprocas e enroscando-os, por sua vez, numa cuidadosa forma literária, capaz de transmitir por inteiro aquele mesmo sentido a todos os leitores. Efectivamente, por mais objectiva que a História procure ser, a sua exactidão escrupulosa não pode abster-se por completo do julgamento de valores nem repudiar a arte de com posição da narrativa, nos limites em que ela não prejudique, antes revalorize, o objecto fundamental do historiador: -a VERDADE. E, neste ponto, também, o Autor soube harmonizar a fluência rútila e luminosa do seu descritivo com a ponderação equilibrada de quem não quer afastar-se do caminho da rectidão e da equanimidade.

Esta História da nossa terra bem deveria ser conhecida por todos os sardealenses -e, des de logo, mesmo, na instrução primária! E que cada um de nós, ao rever-se nas suas páginas, decerto que se orgulhará dos gloriosos feitos das gerações que nos precederam.

Malfadadamente, a própria Camara Municipal parece que se terá esquecido (pelo menos, até agora) de dar o devido conhecimento ao público em geral dessa excelente obra, que ela própria editou -a qual merece, a todos os títulos, a mais larga e intensa vulgarização.

Muito se desejaria, agora, que o novo elenco municipal pudesse vir a colmar tão estranho e injustificado lapso.

-B.

PRESIDENTE da CAMARA

Pelos finais do ano, correu célere a notícia de que a Sra. D. Maria Francisca Chambel não se recandidata à Presidência da Camara Municipal, devido a problemas de saúde resultantes da sobrecarga de trabalho que os muitos anos à frente do Município lhe haviam trazido.

Embora por uma questão de princípios muito raramente estas nossas páginas individualizem Entidades ou pessoas não-formalmente ligadas à Misericórdia, achou-se, no entanto, que seria legítimo abrir agora uma excepção -que plenamente se justifica.

Talvez se não hajam pautado sempre por grande cordialidade as relações entre a Camara e a Misericórdia. As próprias páginas do BOLETIM, aqui e além, deixaram pequenos apontamentos que, nas suas entrelinhas permitiam adivinhar focos de tensão e de instabilidade.

No entanto, a verdade é, também, que depois da eleição desta Mesa Administrativa (que, note-se, vai já a meio do segundo mandato) foi sempre possível tornear os escolhos que nos foram levantados, ultrapassar dificuldades e pontos-de-vista antagónicos, limar arestas e esquinósidades e manter, enfim, um relacionamento cordato e dialogante. E uma verdade que deve ser posta em relevo e devidamente assinalada.

E, de tal modo as relações se normalizaram em saudavel equilibrio, que a Senhora Presidente procurou sempre dar-nos todo o concurso e ajuda possíveis, para as obras do LAR e nos simplificou em muito os trabalhos e despesas, ónus e encargos que, sem o seu valioso apoio, nos trariam bem mais complicações e dificuldades.

Na hora da partida, a Misericórdia não esquece essa tão grande boa-vontade da Presidente cessante e quer deixar-lhe publicamente expresso o seu muito grande reconhecimento.

ASSEMBLEIA GERAL

Nos fins de Novembro realizou-se a última Assembleia Geral da Irmandade da Misericórdia, referente ao ano de 1993, com a finalidade primária de apresentar à análise e discussão o "Orçamento e Plano de Trabalhos para 1994" e subsequente aprovação. Alguns outros assuntos de interesse para a Instituição foram igualmente explanados, com todo o pormenor e desenvolvimento.

A assistência era numerosa e enchia literalmente a sala das sessões. E de realçar, a propósito, o grande interesse que uma grande parte dos Irmãos vem manifestando ultimamente pelos assuntos da Santa Casa.

Aqueles documentos foram devidamente analisados, tanto no seu conjunto geral, como no pormenor e todas as dúvidas, observações e propostas tiveram da parte da Mesa o mais completo esclarecimento e elucidação.

Sobre os outros pontos da Agenda, a Mesa prestou, igualmente, todos os informes que eram mister e a assistência entendeu rematar essa exposição com absoluta concordância e entendimento.

Ainda antes de finalizarem os trabalhos o Senhor Provedor tomou, de novo, a palavra e expôs à Assembleia com detalhe e pormenor, os mil-e-um contratempos e entraves que se foram levantando durante a execução das obras do LAR e CENTRO-de-DIA, devido a contingências técnicas e burocráticas (aliás, inteiramente alheias à responsabilidade da Misericórdia) e do modo como puderam vir a ser resolvidas e sanadas. Na circunstância, o Senhor Provedor entendeu deixar um comovido agradecimento público à acção, extraordinariamente valiosa, prestante e dedicada, do Vice-Provedor, Irmão Arnaldo da Silva Cardoso que, com todo o seu empenhamento, dedicado esforço e invulgar capacidade realizadora, desde o princípio acompanhou permanentemente todos os trabalhos e, com o maior afã e a mais acrisolada dedicação, tomou em suas mãos esse tão pesado encargo, até à sua conclusão final, que ora se processa.

Toda a vasta Assembleia, então, vitoriou calorosamente, de pé, este nosso prezado Irmão e companheiro, numa manifestação viva e empolgante do muito respeitoso apreço e calorosa admiração que todos unanimemente lhe tributam.

Falando de quotas

Sendo de um quantitativo pouco mais do que simbólico, mal se compreende que alguns Irmãos da Santa Casa vão esquecendo sistematicamente essa alínea do Compromisso.

Queremos supor, no entanto se trate de falta involuntária!

BENFEITORES

1993

(Ordem alfabética)

Dr. Alvaro Passarinho	100.000.00
Prof. Américo Corda Falcão	5.000.00
Prof. António Alves Dias	10.000.00
Coronel Padre António Esteves	100.000.00
António Esteves (Valhascos)	200.000.00
António Moleirinho Marçal	2.000.00
António Pires Fernandes	100.000.00
António Salgueiro (Lisboa)	10.000.00
Anónimo	5.000.00
Anónimo	10.000.00
Anónimo	10.000.00
Anónimo	15.000.00
EDIFER- Constr. Irmãos Pires Coelho	100.000.00
Eduardo Pires Coelho	10.000.00
Francisco Dias Serras (Mouriscas)	5.000.00
Francisco Dias Serras (Mouriscas)	5.000.00
Joaquim de Jesus Dionísio	20.000.00
Engº João Lobato (Valongo)	5.000.00
José Alves Reis	3.000.00
Engº José Maria Ferraz de Mattos e Silva	25.000.00
Dr. José Pacheco de Vasconcelos ("Tertúlia" de Alferrarede)	8.000.00
Junta de Freguesia de Sardoal	100.000.00
Junta de Freguesia de Sardoal	200.000.00
Lucília Maria	500.00
Lucília Maria	1.000.00
Luis Alves Reis (Castelo Branco)	8.000.00
Luis Alves Reis (Castelo Branco)	8.000.00
Luisa Santos	1.000.00
Dr. Manuel José Baptista	20.000.00
Manuel Pedro Baptista	10.000.00
Maria Ilda da Silva Oliveira	50.000.00
Maria Luisa de Mattos e Silva	25.000.00
Maria Luisa Monteiro Mendonça	50.000.00
Maria Luisa Monteiro Mendonça	80.000.00
Soc. Construções Rufinos & Filhos	25.000.00
Soc. Const. Urb. Rufino & Irmão	25.000.00
Dra. Salmé (Associação de Amizade Portugal-Finlândia (Helsínquia))	27.900.00

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia - 2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88